

PONTO DE VISTA

**AVALIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM
EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

*Idette A. Altmann¹
Luís Sérgio Peres²*

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar o processo de Avaliação do Ensino-Aprendizagem em Educação Física, procurando verificar o seu significado, buscando novas referências para conduzir metodologicamente este processo. Para tanto foi realizado um estudo bibliográfico sobre aspectos que podem influenciar na avaliação, como as Tendências da Educação Física Brasileira e a concepção sobre Educação Física Escolar, e um estudo sobre a Avaliação do Ensino-Aprendizagem em Educação Física, propriamente. Conclui-se que a avaliação tem sido entendida como atendimento às exigências burocráticas e seleção de alunos para competições e apresentações, efetuada de forma a considerar apenas a presença do aluno, a execução de gestos técnicos ou nem é realizada. O que determina este entendimento é a formação recebida pelo professor, seus valores, cultura profissional e as pressões do meio, sendo que este entendimento poderá se modificar, se necessário, caso o professor esteja aberto para novos conhecimentos. Hoje, buscando novas referências, chega-se ao entendimento de que a avaliação caracteriza-se como parte integrante do projeto pedagógico da escola e que deve se materializar em cada aula, considerando-se suas implicações e conseqüências pedagógicas, políticas e sociais, referenciada nos interesses individuais e coletivos, ampliando as possibilidades corporais. Essas possibilidades envolvem aspectos de conhecimento, habilidade, atitude e conduta social, considerados dentro da concepção da totalidade humana, isto é, da concepção de que o aluno é um ser uno e único, e de que ambos, professores e alunos, assumirão responsabilidades na perspectiva de uma avaliação participativa.

Unitermos: *Avaliação, Ensino-Aprendizagem, Educação Física.*

¹ Professora de Educação Física da Rede Estadual do Estado do Paraná

² Professor Assistente do Curso de Educação Física - Unioeste.

1. Introdução

A avaliação do Ensino-Aprendizagem em Educação Física tem sido uma preocupação constante para os profissionais da área. Como avaliar? Por que avaliar? Como aluna, no 1º e 2º Graus, não tenho lembrança de alguma preocupação quanto ao “como” estar sendo avaliada. Por gostar muito da prática de atividade física, aquele entusiasmo proporcionava boas notas (?) e nunca quis entender como era avaliada.

Porém, desde a época da faculdade, a dúvida em relação à avaliação implantou-se. Analisando o que ocorria, nesta fase, surgiram os questionamentos: Por que alguém não passaria na disciplina de Atletismo se não saltasse em altura, no mínimo, 1,20m? E em Basquetebol. Por que teria que converter 10 cestas no mínimo, entre um número x de arremessos? E se não utilizasse os movimentos previamente condicionados como corretos?

Estas foram as primeiras indagações. E mesmo assim nos vimos nos primeiros anos, como professores, reproduzindo algumas atitudes da formação acadêmica.

LÜDEKE e MEDIANO (1994) observaram, na sua pesquisa, que professores mesmo seguros em relação às habilidades de ensino deixaram claro a insegurança que sentem quando se trata de lidar com avaliação. E os autores confirmam a observação feita por Perrenoud, “de que na formação do professor cuida-se muito mais, exclusivamente até, da preparação para o ensino, mas praticamente nada com relação à avaliação” (p. 125).

A avaliação é colocada como algo a ser cumprido e segue-se reproduzindo atitudes, questionando e recusando outras, dentro de objetivos diversos daqueles vivenciados na formação do professor. E pode-se observar, há pouco tempo, a aplicação do “Teste Cooper”, uma vez por bimestre, para obter uma nota apenas.

FARIA JÚNIOR (1986) afirma que, baseado em investigação, pode-se concluir que a atenção dada à avaliação pelos professores está coerente com a pouca preocupação com este aspecto na formação docente.

Numa observação pessoal, podemos afirmar que, na área da Educação Física, cada professor está avaliando de acordo com o que acredita ser correto, ou de acordo com sua formação acadêmica/pessoal, observada a metodologia utilizada dentro de uma tendência adotada.

SOARES et al. (1992) afirmam que a avaliação em Educação Física

tem sido entendida por professores e alunos como uma forma de atender as exigências burocráticas da escola ou para selecionar alunos para competições e apresentações. Bem como é considerada apenas a presença do aluno nas aulas, a execução de gestos técnicos ou, simplesmente, a avaliação não é realizada.

Na Educação Física, as várias tendências e correntes metodológicas, tornam o estudo da avaliação um tanto complicado.

Avaliaremos o aspecto cognitivo? O domínio afetivo? O domínio psicomotor? A ênfase será dada à aptidão física? À reflexão sobre a cultura corporal? (SINGER, 1980; FARIA JÚNIOR, 1986; FREIRE, 1989; SOARES et al., 1992).

FREIRE (1989), confirma a inquietação de professores com a seguinte observação: Como avaliar a aprendizagem de movimento quando sabemos a infinidade de fatores nele envolvidos, tais como força muscular, resistência, agilidade, equilíbrio, ritmo, sentimento, cognição, afetividade, etc?

Um ponto considerado vital na prática pedagógica é a avaliação. Para um alcance consciente neste processo é necessário conhecê-la.

Devido as negligências que ocorrem em relação a avaliação, muitas vezes desconsiderada como integrante do processo Ensino-Aprendizagem ou, mesmo ainda, pelas dúvidas e questionamentos e havendo a possibilidade de um estudo que contribua para uma prática pedagógica consciente, formulamos o seguinte problema:

“O significado do processo de Avaliação do Ensino-Aprendizagem em Educação Física é possível de ser entendido e assumido para se buscar referências que conduza a uma avaliação na perspectiva de crescimento neste processo?”

Assim, ao abordarmos estudos sobre Avaliação no Ensino-Aprendizagem em Educação Física, faz-se necessário selecionar alguns aspectos que poderão ter influência sobre a mesma, como as Tendências da Educação Física Brasileira; a Educação Física Escolar e propriamente falando à Avaliação do Ensino Aprendizagem em Educação Física.

2. Tendências da educação física brasileira

As tendências pedagógicas apresentadas pela educação brasileira em sua história marcou, também, o ensino da Educação Física. O resumo colocado a seguir baseou-se em SINGER (1980) no Currículo Básico

Para a Escola Pública do Estado do Paraná (1990) e em VASCONCELOS (1994).

- Escola Tradicional: a Educação Física se apresentou como militarista e higienista. O indivíduo se preparava para a defesa da Pátria e a mulher se preparava para gerar homens fortes e saudáveis. A instrução física “adestrava” o aluno para adquirir vigor físico e a saúde.

Na Escola Tradicional o professor se apresentava como modelo de reprodução pelos alunos que deviam executar as prescrições vindas do método Francês, Alemão, etc.

A avaliação se dava através de testes pré-determinados pelos poderes públicos reproduzindo um modelo atleticamente bem configurado.

A saúde e a beleza física são ainda cuidados de forma especial na prática de muitos profissionais da Educação Física.

-Escola Nova: a Educação Física se apresentou como pedagógica, buscando a integração como disciplina educativa. Deixa o exercício executado por obrigação pelo executado por prazer, embora não abandone a prática da escola tradicional. Os conteúdos são selecionados a partir do interesse dos alunos e encaminhados através de atividades livres.

A avaliação valorizava os aspectos afetivos, atitude, frequência, higiene, com ênfase na auto-avaliação.

Numa observação direta, podemos afirmar que a mentalidade escola novista é ainda atuante entre professores que assumiram a postura equivocada de meros espectadores do processo, quando não, completamente alheios, se jogando na comodidade do nada fazer, infelizmente.

- Escola Tecnista ou Competitivista: O desporto é colocado na escola trabalhado como base para o treinamento desportivo, promovendo o desporto representativo capaz de conseguir medalhas. O conteúdo deveria visar a performance e a superação das marcas anteriormente estabelecidas.

A avaliação era sobre os objetivos propostos: atingido e não atingido, direcionados em função do desempenho e das performances a atingir.

A cobrança de gestos técnicos específicos e determinados pelas modalidades esportivas, faz ainda parte da prática de muitos professores de Educação Física.

- Escola Histórico-Crítica: propõe como ponto de partida a

realidade do aluno, levando-o a uma apropriação ativa do conteúdo e a reelaboração do seu saber. Possibilita ao aluno situar-se e atuar em sua realidade de forma crítica, podendo contribuir em sua transformação. Através da linguagem corporal, instrumentalizar o aluno para aquisição de uma visão de mundo consciente e crítica e de seu comprometimento com o processo educacional.

A avaliação deverá ser um processo contínuo e sistemático: avaliação diagnóstica; domínio dos conteúdos; superação das dificuldades através da realimentação dos conteúdos; apreciação crítica do próprio trabalho.

3. Educação física escolar

Início com o tema discutido no II Seminário de Educação Física Escolar da Universidade de São Paulo, editado em 1995, "Educação Física Escolar: Temos o que Ensinar?".

Temos o que ensinar na Educação Física Escolar?

O que ensinar foi determinado, ao longo da história, pelas tendências da educação. O que ensinar e como ensinar para a manutenção da mão de obra no trabalho? Para manter o vigor físico? Para se exercitar por prazer? E para competir e vencer? E para atuar de forma crítica e consciente? Sempre tivemos o que ensinar vinculado diretamente com os momentos históricos vividos.

"Todo movimento humano só pode ser pensado e tratado a partir do patrimônio cultural e histórico que se expressa nele. Patrimônio cultural e histórico que os seres humanos produzem e reinventam nas relações sociais" (VAGO, 1995:21).

E, segundo o autor, esta articulação tem de estar presente na compreensão crítica dos professores de Educação Física quando planejam e realizam sua prática pedagógica. Os gestos, as expressões, os movimentos na escola devem estar carregados de significado.

A Educação Física na escola tem de respeitar os níveis de maturidade motora, a capacidade de rendimento e os interesses individuais. Deve facilitar descobertas trabalhando a criatividade e fazendo com que os alunos se movimentem tendo consciência de todos os seus gestos, (OLIVEIRA, 1988).

Precisamos perceber o aluno como um ser uno e único. E que por ser uno, precisa aprender a viver-se como corporeidade, isto é, em

sua totalidade. Por ser único, possui movimentos corporais, gestos e expressões que lhe são próprios.

Precisamos perceber o acervo social da cultura corporal (SOARES, et al., 1992) exterioriza nos jogos, danças, exercícios ginásticos, esporte mímica e outros.

Se a Educação Física é parte integrante da educação global do aluno “não devemos nos restringir a educar o movimento, a ensinar o gesto ou a tática desportiva mas também nos preocuparmos com as informações, os valores e comportamentos que passamos para os nossos alunos” (CASTRO, 1996:567).

Concordamos com o autor quando diz que a Educação Física contribui para a formação de um indivíduo e de um cidadão com a importância de se ter uma visão prévia de quem queremos formar. Portanto não podemos nos restringir ao ensino de técnicas específicas.

Segundo SOARES et al., (1992) “a expectativa da Educação Física Escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação - negando a dominação e submissão do homem pelo homem” (p.40).

E aí se coloca o exemplo dos autores quando afirmam podermos fazer com que o aluno entenda que um jogo de voleibol só ocorre porque há a contradição erro – acerto. Se a bola não caísse que prazer traria uma partida de voleibol?

E o exemplo de FREIRE (1989) fazendo com que o aluno perceba que quem chega primeiro numa corrida só chegou primeiro porque houve um outro corredor que chegou em segundo lugar, outro em terceiro, quarto... Trabalhemos com o aluno a importância de valorizar as relações. Não haveria um primeiro se não houvesse outros.

E o exemplo de PAES (1996) que possibilita o aprendizado do esporte na escola como o “jogo possível”. E coloca como jogo possível os jogos pré-desportivos, os jogos cooperativos, os jogos com regras adaptadas para que o aluno tenha acesso ao esporte de forma diversificada.

Nos vários artigos - “Educação Física Escolar, temos o que ensinar?” - são colocados aspectos negativos do trabalho docente, tendo inclusive, um autor sugerido um seminário sobre “Por que não

ensinamos?” (BETTI, 1995:30). E assim, transcrevo aqui trechos de um artigo servindo como alerta para nós, professores.

Citando a pesquisa de uma professora, onde foi verificado o desinteresse crescente dos alunos pelas aulas de Educação Física, a autora coloca: “Afim, de que adianta elevar tanto a teoria da Educação Física se, na prática, os professores não estão motivados a aplicá-las? E o que é pior, não percebem ou não lhes interessa perceber, que até seus alunos conseguem enxergar esta prática desmotivada. Posturas como deixar os alunos esperando do lado de fora, enquanto 12 ou 10 jogam, largar os alunos na quadra e ir tomar café, entregar uma bola e sair, (...), chegar atrasado para a primeira aula, sair mais cedo, são comuns e todos percebem. Muito pior quando o discurso é um e a prática outra, como na dissertação do professor Aguiar:

Professor: “Estou fazendo aquilo, que eu gosto (...). A gente se sente útil sendo professor de Educação Física, porque orienta e colabora com alguma coisa para o benefício das pessoas e da comunidade”.

(...) “Dou atividades de ginástica para condicionamento físico, atletismo, futebol de salão e de campo, vôlei e handebol”.

Alunos: “A nossa Educação Física é resumida no professor dar uma bola para brincarmos”.

“Nas aulas de Educação Física o nosso professor dá uma bola e sai, nós vamos jogar. Às vezes com a bola de vôlei ou basquete jogamos futebol de salão”.

(...) O nosso professor não tem interesse nem em dar a Educação Física e nem em fazer com que a gente aprenda“ (p. 29).

Nós temos o que ensinar. A Educação Física Escolar integra um Projeto Político-Pedagógico e apresenta-se no Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná, no ano de 1990.

Um projeto desta natureza “é político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações” (SOARES et al., 1992:25). E os autores alertam de que o educador deverá ter definido o seu projeto para que este oriente em nível de sala de aula “a relação que estabelece com os seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e metodologicamente bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos” (p.26).

O documento acima citado, foi considerado pela APP – Sindicato como o mais progressista já produzido pela Secretaria de Estado da

Educação do Paraná. A proposta contida em relação à Educação Física relaciona conteúdos, expõe encaminhamento metodológico e sugere os procedimentos de avaliação.

Cabe ao professor situar sua prática respeitando o indivíduo, tendo a concepção de um ser uno e único, trabalhar a criatividade como fator de inteligência, dar significado à atividade e possibilitar uma interferência na ordem social estabelecida.

Para LIBÂNEO, citado pelos autores acima, “não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social” (p. 31).

Rubem Alves, citado na apostila da SEED (1989:5), projeta a Educação Física Escolar quando afirma: “O que está em jogo são duas maneiras diferentes de se ver o corpo: num caso, corpo que é simples meio e que é treinado para se transformar num instrumento de luta contra o tempo e contra o espaço. Uma corrida é luta contra o tempo. Já um salto é luta contra o espaço. Num outro, é o corpo reconciliado com o espaço e o tempo, e que não deseja vencê-los, mas apenas usufruí-los”.

Concordamos de que é sobre a segunda maneira de se ver o corpo que devemos montar nosso projeto pedagógico.

“A escola (...) será o local onde educadores e educandos em uma relação democrática, porque interessados num único objetivo – a formação do educando – dedicam-se conjuntamente às atividades que elevem o seu modo de ser e de viver” (LUCKESI apud GAMA, 1993). E conclui, “elevação esta que terá um papel significativo na democratização da sociedade como um todo” (p.33).

A Educação Física Escolar deve se apropriar dos conteúdos de ginástica, dança, jogos e esportes desenvolvidos de maneira variada e prazerosa, vivenciando o maior número possível de atividades, contando com a participação efetiva do professor e alunos na perspectiva de “elevar o modo de ser e de viver”.

4. Avaliação do ensino-aprendizagem em educação física

“O que realmente queremos que nossos alunos consigam através de suas experiências em Educação Física?” (SINGER e DICK, 1980:24).

É a pergunta que deve ser feita por cada professor ao planejar a avaliação. E quando o autor define Educação Física nos coloca frente a

resultados difíceis de planejar, quase impossível de avaliar. Pois vejamos: “Educação Física não é um fato ou um conjunto de fatos. É uma resposta – uma série de respostas – que dá origem ao movimento, que liberta o homem da inércia, que expressa vida em variações ilimitadas. Educação Física é auto-educação, a descoberta de si mesmo através de movimentos corporais, a ilimitada capacidade de cada um expressar amor, beleza, liberdade, disciplina, sentido – tudo que parece estar além da expressão verbal” (p.25).

Argumentando sobre os resultados mais importantes de um programa de Educação Física, o autor cita Angell dizendo que eles devem ser “identidade pessoal, valor humano, beleza, sensibilidade, a alegria de viver, a arte da comunicação” e afirma que estes resultados desafiam medidas. Segundo o autor, Angell “pensa que estamos perdendo tempo avaliando força, resistência, variáveis de desempenho e regras” (p.25).

SOARES et al. (1992) baseados em FARIA JÚNIOR confirmam que os estudos sobre avaliação em Educação Física estão direcionados a métodos e técnicas usadas, organizando-se testes, materiais e sistemas, fornecendo critérios para classificação e seleção e que, esta ênfase, tem consolidado a legitimação do fracasso, a discriminação e a evasão de alunos.

Os autores, sobre dados de observação, concluem que a avaliação tem sido entendida e tratada por professores e alunos para: a) atender exigências burocráticas expressas em normas da escola; b) atender a legislação vigente; e c) selecionar alunos para competições e apresentações tanto dentro da escola, quanto com outras escolas” (p.98). E continuam: “geralmente é feita pela consideração da “presença” em aula, sendo este o único critério de aprovação e reprovação, ou, então, reduzindo-se a medidas de ordem biométrica; peso, altura etc., bem como de técnicas: execução de gestos técnicos, “destrezas motoras”, “qualidades físicas”, ou, simplesmente, não é realizada” (p.99).

O que pode determinar a forma de mediação na prática avaliativa do professor são a formação recebida, seus valores, cultura profissional e as pressões do meio (GAMA, 1993).

Professor será influenciado pelas Tendências da Educação Física, pelo seu conhecimento e opção dentro da Educação Física Escolar e pela sua história pessoal de vida. Estará ele aberto para outros conhecimentos que permitirá a execução da sua tarefa adequadamente?

SINGER e DICK (1980) já colocavam que “fracos resultados de ensino podem ser eliminados quando objetivos, habilidades do aluno,

princípios de aprendizagem e coisas similares são levadas em consideração. E a filosofia de que a escola é um lugar de eliminação para os alunos que não conseguem alcançar padrões preestabelecidos deve ser reavaliada. Talvez seja o professor, e não o aluno, quem deva prestar contas dos resultados do ensino. A meta deve ser o êxito e não o fracasso” (p.26).

Podemos afirmar que o aluno já tem um entendimento diverso do que seja avaliação. Observa-se algumas colocações feitas por alunos de 8ª série numa pesquisa informal.

“Avaliação é uma forma de saber o que o aluno aprendeu e saber se a matéria dada está sendo entendida, como está o desenvolvimento do aluno. Assim, o professor pode mudar o jeito de dar aula ou explicar melhor, tirar as dúvidas do aluno”.

“É uma forma de saber o que o aluno aprendeu e, se não aprendeu muita coisa, rever a matéria”.

“É uma maneira de descobrir onde o aluno encontra dificuldade para um aprendizado melhor”.

“Não é só avaliar os conhecimentos do aluno, mas também de se avaliar a qualidade dos ensinamentos que é repassada pelo professor. De uma certa forma é também avaliar o professor, se ele sabe repassar corretamente o que deve ser repassado”.

O que o aluno pensa, provavelmente está associado ao que ele vivencia. O professor estará praticando uma avaliação possível de levar este entendimento ao aluno ou o aluno incorporou apenas o discurso?

Se a educação deve elevar o “modo de ser e de viver” (GAMA, 1993) a avaliação não pode “cair no reducionismo de um universo meramente técnico de entendimento, sendo necessária a consideração de outras dimensões desse processo como, por exemplo, as suas significações, implicações e conseqüências pedagógicas, políticas e sociais” (SOARES et al., 1992:103).

Portanto, a avaliação além de estar colocada nos objetivos do planejamento escolar precisa levar em conta que o aluno está instrumentalizando-se para atuar sobre o real. Um dos elementos possibilitadores da atuação do aluno na sociedade, na qual estamos inseridos e a que queremos construir, é a educação que se materializa em cada aula (GAMA, 1993; SOARES et al., 1992). O processo ensino-aprendizagem da Educação Física envolve aspectos de conhecimento, habilidade e atitudes. Para uma visão mais prática destes aspectos exemplificaremos:

Relembrar algo já aprendido, interpretação, resolução de problemas, criatividade e outros semelhantes, envolvem aspectos de conhecimento.

Objetivos enfatizando movimento e coordenação de partes do corpo, salto no voleibol, por exemplo, são demonstrações de habilidade.

Motivação, sentimentos, valores são comportamentos afetivos demonstrado nas atitudes, por exemplo, aprender a gostar e a querer participar em voleibol.

Leva-se em conta, também as condutas sociais dos alunos – relações interpessoais, ajustando pessoal, controle e estabilidade emocional – por exemplo, colaborar dentro de um grupo para atingir metas, tendo a expressão corporal como linguagem (SINGER e DICK, 1980; SOARES et al., 1992).

Na proposta de avaliação do ensino-aprendizagem em Educação Física, temos de perceber que estes aspectos, separados apenas para efeito de estudo, compõem a totalidade humana e que estão presentes no desenvolvimento de atividades.

Concordamos com SOARES et al., (1992) quando diz que a avaliação deve possibilitar ao aluno o trabalho com suas capacidades cognitivas, habilidades e atitudes, enfrentando problemas e necessidades, na busca de novas soluções as quais possam ser aplicadas em outras situações semelhantes. Para isto ela pode ser decidida em conjunto, onde os envolvidos assumem responsabilidades participando dos rumos do processo.

Numa pesquisa informal com os mesmos alunos, citados anteriormente, no ano de 1996, dada a pergunta “Como deve ser a avaliação em Educação Física?”, eis algumas respostas.

“Os alunos deveriam ser avaliados pela vontade de fazer a aula e não pela capacidade que tem. Tem que ter vontade de aprender ou até mesmo de jogar, apenas. Avaliar pelo interesse em aprender.”

“Avaliar tanto individualmente quanto em grupo. Avaliar a participação em aula e não pelo bom desempenho nos esportes”.

“Avaliar o esforço, não a facilidade de alguns”.

“Avaliar pelo esforço para conseguir aprender o que é passado”.

“Avaliar verificando-se o aluno fez certo os arremessos, chutes, saques, toques, etc”.

“A avaliação em Educação Física deveria ser feita pelo grau de participação do aluno nas aulas dadas pelo professor”.

Quando os alunos falam em “esforço” e “participação”, pensando

em Educação Física, poderíamos interpretá-los como um dos meios usados para chegar aos resultados e, segundo FREIRE (1989), “meios esses que são os elementos mais indicativos do progresso de seu conhecimento” (p. 196).

A decisão conjunta em relação à avaliação, observada anteriormente pelos autores, não será sobre simples respostas a uma pergunta. O trabalho deverá ser mais complexo sobre os conteúdos e a perspectiva dos envolvidos no processo.

Os alunos deveriam, segundo SOARES et al. (1992), participar criticamente da criação de normas e valores, regras e padrões que irão informar a conduta avaliativa podendo ser reinterpretada e redefinida.

O ensino-aprendizagem em Educação Física deve situar os conteúdos e metodologias analisando os critérios de seleção, organização, transmissão e avaliação, referenciados “nos interesses individuais e coletivos, no projeto pedagógico e no projeto histórico”, (p.107) para a ampliação das possibilidades corporais coletivas nas aulas de Educação Física, considerando os níveis de desenvolvimento dos alunos e, levando em conta, as diferenças individuais na aprendizagem.

Há também, a necessidade de se preocupar com o tempo adequado de desenvolvimento do conteúdo para que a aprendizagem se efetive. E, no desenvolvimento do conteúdo, devemos privilegiar os princípios de ludicidade e criatividade.

Os autores colocam a necessidade de se elaborar bons instrumentos de avaliação para registrar dados, tanto quantitativos quanto qualitativos, que serão divulgados como fonte de estímulo e desafio ao interesse do aluno. Estas informações deverão ser consideradas para análise de seu próprio desempenho, para ampliação e aprofundamento do conhecimento, habilidades e atitudes, bem como para verificação do que está sendo desenvolvido em relação ao projeto pedagógico.

Exemplificam dados quantitativos como tentativas executadas para aprender uma destreza motora e dados qualitativos como a superação do medo na realização de uma atividade complexa ou ainda na passagem da quantidade (execução de uma técnica) para a qualidade (execução em situação de jogo) e do que isso depende.

As decisões didáticas do professor – seleção de conteúdos, procedimentos, métodos, técnicas, materiais, etc. – determinarão em grande parte a aprendizagem ou não dos alunos. Portanto, há de se considerar, também, no processo de avaliação, estas decisões (Id. *ibid*).

As decisões didáticas atuarão como elemento mediador na

formação de critérios avaliativos. Estes critérios deverão fornecer condições para um acompanhamento do processo ensino-aprendizagem, diagnosticando as necessidades dos alunos, conduzindo a uma realimentação dos conteúdos, se necessário, e a uma nova proposta de ação.

4. Considerações finais

Conforme o estudo apresentado, a avaliação tem sido entendida pelos professores segundo as normas padronizadas de conhecimento de sua época de escola, ou seja, aquelas repassadas por seus professores, observando resultados de desempenho atlético, muitas vezes considerando apenas a presença do aluno ou nem mesmo realizando avaliações. A motivação (ou falta de) dos professores, devido a fatores não contemplados no presente estudo, implica diretamente nas aulas e, conseqüentemente, na avaliação dos alunos.

Observamos, portanto, a necessidade de mudanças quanto aos critérios de avaliação das atividades desenvolvidas nas aulas, considerando-se o projeto pedagógico da escola e tendo uma visão prévia do homem que queremos formar.

É necessário se estudar continuamente a avaliação e, portanto, sugere-se a realização de novas pesquisas, de experiências avaliativas e de estudo sobre critérios avaliativos.

Em relação às dimensões que orientou este estudo, sugere-se que:

- Os professores aprofundem seus conhecimentos sobre a Educação Física Escolar envolvendo a natureza e o desenvolvimento da criança e do adolescente;

- Os professores trabalhem, no dia a dia na escola, vivenciando o maior número possível de atividades privilegiando os princípios de ludicidade e criatividade;

- Avaliem suas decisões didáticas em confronto com a aprendizagem dos alunos entendendo que a avaliação não é uma fase separada no processo e que a nota não deve ser um castigo ou prêmio para o aluno;

- Dêem continuidade neste estudo, realizando um trabalho longitudinal, entrevistando professores, supervisores de ensino, orientadores educacionais, pais e alunos;

- Em nível de administração escolar, se reavalie o excessivo número de alunos em sala e a carga horária semanal do professor, que são fatores interferentes na avaliação e no ensino -aprendizagem.

Referências bibliográficas

- APP- Sindicato. **Propostas Político-Pedagógicas**. Curitiba, 1995.
- BETTI, I.C. O que Ensinar. A perspectiva Discente. **Revista Paulista de Educação Física**, Suplemento nº 1, 1995.
- CASTRO, W.L. As Teses de Mestrado e a Educação Física de Quinta a Oitava. **Anais. III Congresso Latino Americano. Esporte, Educação e Saúde no Movimento**. Foz do Iguaçu, 1996.
- FARIA JÚNIOR, A.G. Fundamentos Pedagógicos – Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- FERREIRA, V.L.C. **Prática da Educação Física no 1º Grau: Modelo de Reprodução ou Perspectiva de transformação?** São Paulo, Ibrasa, 1984.
- FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.
- GAMA, Z. J. **Avaliação na Escola de 2º Grau**. Campinas: Papyrus, 1993.
- LORENZETTO, L.A. Em Busca de uma Educação Física Escolar Alternativa. **Revista Paulista de Educação Física**, v.5, n.1/2, p. 45-90.
- LÜDEKE, M.; MEDIANO, Z. **Avaliação na Escola de 1º Grau**. 2ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- MEDINA, J.P.S. **A Educação Física Cuida do Corpo... e Mente**. Campinas: Papyrus, 1983.
- OLIVEIRA, V.M. **O que é Educação Física**. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- OPAES, R.R. Iniciação Esportiva: Diversificação x Especialização. **Anais do III Congresso Latino Americano: Esporte, Educação e Saúde no Movimento**. 1996.
- PROENÇA, J.E. Função da Educação Física Escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, v.5, n.1/2, p. 41-44.
- SEED. **Proposta da Disciplina Metodologia do Ensino de Educação Física**. Curitiba, 1989.
- _____. **Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná**. Curitiba, 1990.

- SINGER, R.N.; DICK, W. **Ensinando Educação Física**. Porto Alegre: Globo, 1980.
- SOARES, C.L. et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- VAGO, T.M. Educação Física Escolar. Temos o que ensinar? **Revista Paulista de Educação Física**, Suplemento nº 1. São Paulo, 1995.
- VASCONCELOS, L.F.F. **O Corpo nas Aulas de Educação Física: Docilidade ou Corporeidade**. Dissertação (Mestrado). p.133 Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 1994.